

E Rodolfo vai andando.
Vai andando até cansar.

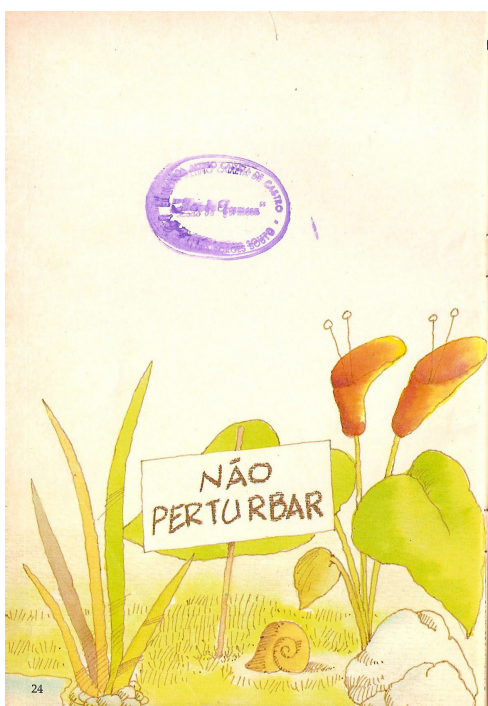
E quando isso acontece
Rodolfo não se aborrece,
Já é hora de parar.



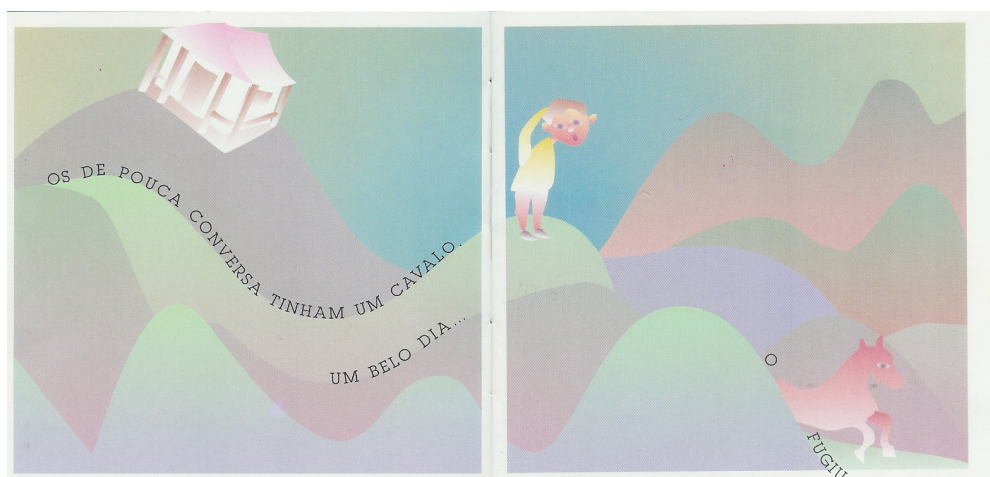
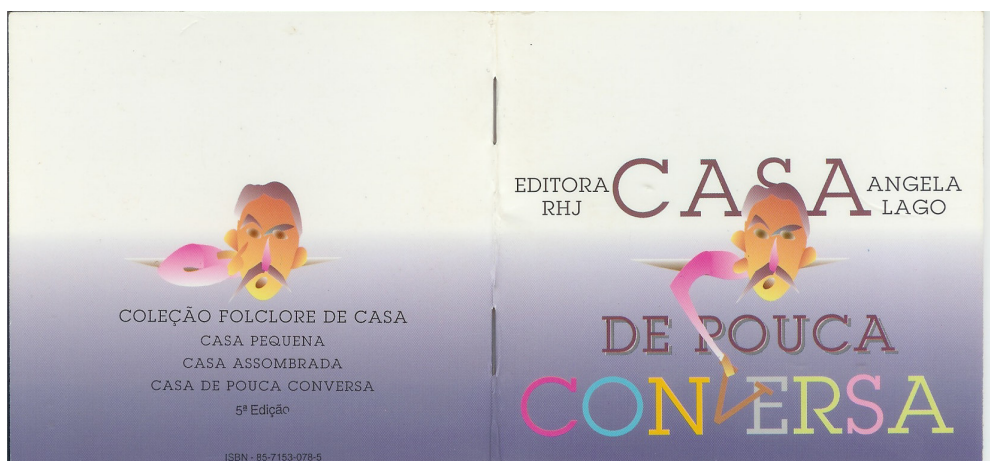
Rodolfo limpa um terreno,
caladinho.

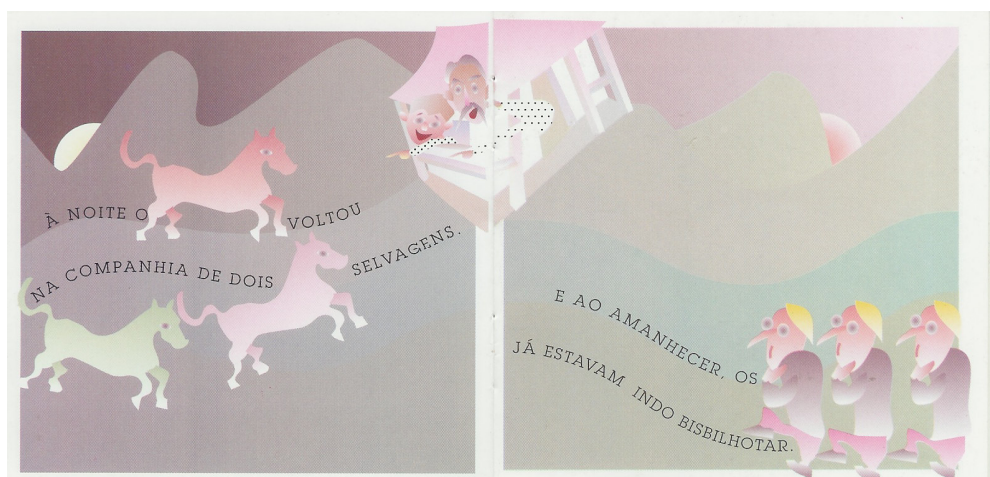
Põe a casa em um cantinho.
Qualquer lugar é o seu lar!





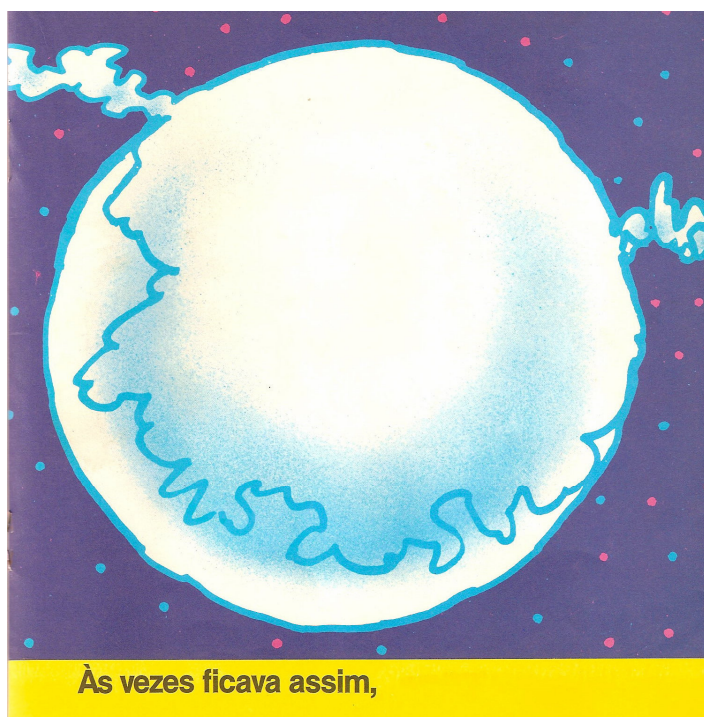
T₂₅ (texto integral)













T₄₀ (fragmento - texto parcial)



A mãe veio correndo: arrastaram o sofá, levantaram o tapete, olharam pra todo lado, viraram pra fora os bolsos de Chuim.
— E agora, mamãe? Nem telhado nem colar?

ANEXO 3 - Histórias infantis modernas (textos completos)

T₀₁

GIRASSÓIS

Tenho aprendido muito com o jardim.

Os girassóis, por exemplo, que vistos assim de fora parecem flores simples, fáceis, até um pouco brutas. Pois não são.

Girassol leva tempo se preparando, cresce devagar, enfrentando mil inimigos, formigas vorazes, caracóis do mal, ventos destruidores. Depois de meses, um dia, pá! Lá está o botãozinho todo catita, parece que já vai abrir.

Mas leva tempo, ele também se produzindo.

Eu cuidava, cuidava, e nada.

Viajei por quase um mês no verão. Quando voltei, a casa tinha sido pintada, muro inclusive, e vários girassóis estavam quebrados.

Fiquei uma fera. Gritei com o pintor:

- Mas o senhor não sabe que as plantas sentem dor que nem a gente?

O homem ficou me olhando, pálido. Não, ele não sabe, entendi. E fui cuidar do que restava, que é sempre o que se deve fazer.

Porque tem outra coisa: girassol, quando abre flor, geralmente despenca. O talo é frágil demais para a própria flor, compreende? Então, como se não suportasse a beleza que ele mesmo engendrou, cai por terra, exausto da própria criação esplêndida. Pois conheço poucas coisas mais esplêndidas, o adjetivo é esse, do que um girassol aberto.

Alguns amarrei com cordões em estacas, mas havia um tão quebrado que nem dei muita atenção, parecia não valer a pena. Só apoiei-o numa espada-de-são-jorge com jeito, e entreguei a Deus.

Pois no dia seguinte, lá estava ele todo meio empinado de novo, tortíssimo, mas dispensando o apoio da espada. Foi crescendo assim precário, feinho, fragilíssimo.

Quando parecia quase bom, crau! Veio uma chuva medonha e deitou-o por terra.

Pela manhã estava todo enlameado, mas firme. Aí me veio a idéia: cortei-o com cuidado e coloquei-o aos pés do Buda chinês de mãos quebradas que herdei de Vicente Pereira.

Estava tão mal que o talo pendia cheio dos ângulos das fraturas, a flor ficava assim meio de cabeça baixa e de costas para o Buda. Não havia como endireitá-lo.

Na manhã seguinte, juro, ele havia feito um giro completo sobre o próprio eixo e estava com a corola toda aberta, iluminada, voltada exatamente para o sorriso do Buda. Os dois pareciam sorrir um para o outro. Um com o talo torto, outro com as mãos quebradas.

Durou pouco, girassol dura pouco, uns três dias.

Então joguei-o pétala por pétala, depois o talo e a corola entre as alamandas da sacada, para que caíssem no canteiro lá embaixo e voltassem a ser pó, húmus misturado à terra. Depois, não sei ao certo, talvez voltassem à tona fazendo parte de uma rosa, palma-de-santa-rita, lírio ou azaléia.

Vai saber que tramas armam as raízes lá embaixo, no escuro, em segredo.

T₀₂

A COELHINHA MEDROSA

Em um belo bosque, vivia uma coelhinha muito bonita e muita trabalhadeira também. A sua casa era um brinco: bem arrumada que fazia gosto. Na verdade, Lídia, que era como se chamava a linda coelhinha, só tinha um defeito: era muito medrosa.

Esperava, porém, que iria acabar vencendo o medo, tendo coragem de andar pelo bosque sem recear o encontro com animais ferozes e com desalmados caçadores.

E assim ia pensando Lídia, ao estender as roupas no varal, em um belo dia de primavera, quando de repente... pum!

Ao ouvir o disparo de um tiro, a pobre coelhinha saiu correndo apavorada, em busca de um lugar seguro para se esconder. Coitada! Estava quase morrendo de medo.

Em sua corrida desenfreada, passou perto de uma lagoa habitada por uma família de rãs, que, muito tranquilas nadavam ou tomavam sol.

Uma das rãs, que sempre havia levado uma vida muito sossegada naquela lagoa, ao ver aproximar-se, a toda velocidade, uma coelhinha que ela achava enorme, assustou-se e começou a gritar, apavorada.

As outras rãs acharam que uma séria ameaça pesava sobre elas e trataram de fugir para o fundo da lagoa. Que medo!

Esse pequeno incidente fez com que Lídia refletisse muito sobre o acontecido: se ela sentia medo do desconhecido, também havia quem tinha medo dela própria. E a partir de então deixou de ser medrosa.

T₁₁

DOURADO

Ele nasceu dourado. Era como todos os de sua família, como todos os de sua vizinhança. Como todos os da mesma espécie, no mundo inteiro. Só que era dourado.

E todos de sua família, todos da vizinhança, todos do mundo inteiro eram marrons, com leves acentos de verde. E tinham pintas pretas. Dourado, nunca nenhum tinha sido.

A boca era grande, muito aberta, para comer insetos distraídos. As pernas da frente punham-no em pé. E as de trás se acomodavam quase sob a barriga. Quando tinha fome e queria comer uma mosca, as pernas de trás, como uma mola de catapulta estendiam-se e, vupt, ele ia muito longe e apanhava o inseto no vôo. As pernas de trás, maiores que as da frente, eram para isto mesmo: serviam de mola para pular.

Serviam também como remos, quando ele nadava. Remos fortes, que o levavam muito longe, cada vez que os usava, abrindo-os e fechando-os como um alicate.

Tudo, como os outros seres de sua espécie.

Mas quando se juntava aos seus iguais para brincar, percebia coisas que o deixavam muito triste. Alguns ficavam longe dele, observando-o, sem se aproximarem. Outros até elogiavam sua cor, mas acabava sempre por ouvir deles, entre lábios (porque não tinham dentes), com desprezo:

- Ele é dourado.

Quando quis cantar no coro, apenas uma entre tantas vozes, primeiro deixaram que assim fosse. Depois, puseram-no à frente. “É dourado” – disseram. Até que um dia alguém sussurrou: “Desafina”. Muitos sussurraram: “Desafina”. E o tiraram do coro.

Quando cresceu mais e quis ter uma namorada, as fêmeas de sua idade fugiam: “Não é legal, ele é dourado”.

Não adiantava ser o melhor caçador de minhocas e besouros, de nada valia resplandecer à noite, quando todos coaxavam e a lua cobria o lago. De nada valia ser tão bonito e ter tanta vontade de viver como os outros. Não deixavam. Era dourado.

Não devia ter família.

De repente, percebeu: ser dourado era um grande crime para os de sua espécie. Mas não era um crime para a Natureza. Tudo que ela dava aos outros, ele tinha também: o céu, o ar, a água, cheiros, as cores, tudo.

Por isso, aprendeu a encontrar prazer em nadar sozinho. Aprendeu que era muito bom pegar um besouro enorme e ágil, mesmo sem testemunhas.

Aprendeu até a viver sem uma namorada. Era difícil, mas era possível.

E aprendeu também a se conhecer. Antes tinha uma vontade enorme de não ser dourado. “Que coisa, só eu diferente”. Mas depois achou bonito ser dourado. O tempo envelhecia sua cabeça e ele se aceitava cada vez mais.

Aprendeu ainda que, por ser dourado, era bom se pôr nas pedras mais altas e brilhar mais ainda. O calor do sol era quente e amistoso. Os marrons que viviam perto se encolhiam, virando uma massa igual e sem brilho.

Aprendeu que a lua gostava de se mirar no espelho de suas costas, tão diferentes das costas dos outros de sua espécie, irremediavelmente cascorentas. Viu que a água escorria mais fácil por sua pele e sentiu que, afinal de contas, mesmo vivendo muito só, vivia. Aprendeu, ainda, a não cobrar amor e nem amizade dos marrons. E até conseguiu esquecer-se deles.

Mas eles não o esqueceram jamais.